

Gramaticalização da perífrase aspectual *estar + gerúndio* no português paulista

RESUMO

Partindo da proposta de Keizer (2007) sobre a forma de preencher a lacuna entre a gramática e o léxico na Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), este trabalho trata da perífrase verbal *estar + gerúndio*, a partir de dados do português brasileiro, compilados no cópulo Iboruna (GONÇALVES, 2007), enfocando o grau de gramaticalização da construção: fortemente gramaticalizada. Apesar de seu comportamento sintático, a construção não é um item verdadeiramente gramatical, tampouco um item lexical. Propomos, então, que a partir da descrição da Sintaxe e a Semântica da construção, possamos pensar, em um futuro, uma reclassificação das construções lexicais na GDF. A representação dessas construções reforçaria a proposta de Keizer (2007), de que se trata de um *auxiliar lexical*. A proposta permitirá, no futuro, que seja preenchida a lacuna entre o léxico e a gramática na GDF. Em específico, para o PB, possibilitará a interpretação de um conjunto de auxiliares, como *estar*, como *operadores lexicais*.

PALAVRAS-CHAVE: Perífrase. Gramaticalização. Auxiliares. Gramática discursivo funcional. Português brasileiro.

Gustavo da Silva Andrade
andrade.ibilce@gmail.com
Universidade Estadual Paulista (Unesp),
São José do Rio Preto, Brasil.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na literatura corrente sobre gramaticalização, nem todos os autores distinguem, com clareza, os processos, os princípios, os mecanismos e os parâmetros que identificam formas gramaticalizadas ou em processo de gramaticalização. Considerar, portanto, a gramaticalização como um processo, composto de subprocessos, ou como uma teoria, com processos internos, levamos, de qualquer forma, a uma distinção entre formas mais e menos gramaticalizadas.

Não obstante os desacordos sobre os limites que definem a gramaticalização, parece haver um consenso entre os vários estudiosos de que a gramaticalização é sempre concebida como um “processo” (HEINE et al., 1991, p.4), que pode ver esgotado todo o percurso de mudança de um item, conforme escala em (1), mas que também pode se interromper em um dos pontos dessa escala (mais bem denominada de *cline*) de mudança.

(1) [item de conteúdo] > [palavra gramatical] > [clítico] > [afixo flexional]

(HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 95)

Ampliando-se gradativamente a noção expressa de gramaticalização, há de se considerar a constante renovação do sistema linguístico, fazendo emergir da gramática (cf. HOPPER, 1987) novas formas a partir de formas lexicais e/ou gramaticais já existentes no sistema. A gramaticalização, como proposta por Meillet (1912), envolve, pois, a passagem do *léxico* para a *gramática*, com a gramática comportando a passagem de formas sintáticas para formas morfológicas.

Keizer (2007), ao tratar da distinção entre itens lexicais e itens gramaticais, identifica, para o inglês¹, uma série de itens linguísticos que ocupam uma posição intermediária nesse *cline*, i.e., itens que não são totalmente gramaticais, nem totalmente lexicais. Segundo a autora, expressões do inglês, e.g., *lets* representam casos de gramaticalização, ao passo que expressões como *sort-of* configuram-se como casos de gramaticalização incipiente, uma vez que exibem propriedades de lexicalização tanto quanto de gramaticalização; distinguindo-se dos casos de gramaticalização, que, a partir de Hopper (1991), configurariam total apagamento de propriedades lexicais, restando, apenas, funções gramaticais. A fim de solucionar esses casos, a autora propõe um *cline* de gramaticalização para o inglês, a partir do qual itens de conteúdo, i.e., itens lexicais tornar-se-iam palavras gramaticais (itens gramaticais sintáticos) e, essas, afixos (itens gramaticais morfológicos), ainda mais gramaticalizados, conforme ilustrado em (2).

(2) [itens de conteúdo]		> [palavras gramaticais]	> [afixos]
Primários	Secundários	Secundários	Primários
Verbos plenos, nomes e adjetivos	Expressões idiomáticas, formas lexicalizadas	Numerais, demonstrativos, pronomes	Artigos, modais Morfemas

Adaptado de Keizer (2007, p. 47)

Nesse sentido, formas gramaticalizadas podem ser linearizadas de acordo com suas propriedades de restrição, aplicada ao nível primário dos itens de conteúdo, ou mesmo como operadores gramaticais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), no último estágio de gramaticalização. Hengeveld e Mackenzie (2008) assumem, na Gramática Discursivo Funcional (doravante, GDF), que *palavras* podem ser subdivididas em (i) *palavras lexicais*, aquelas que são usadas para referenciar e ocorrem com algum tipo de marca de flexão, e em (ii) *palavras gramaticais*, utilizadas como *operadores*, representando informação gramatical.

Destacamos, translinguisticamente, as perífrases que, segundo Olbertz (2016), não estariam totalmente gramaticalizadas nas línguas, uma vez que critérios próprios delimitam a identificação da auxiliaridade. Segundo Steele (1978, p. 15 *apud* HEINE, 1993, p. 19), é possível, nas línguas em que os auxiliares estão totalmente gramaticalizados, identificar que (i) os verbos auxiliares acompanham um item lexical não-finito e, por meio de suas formas finitas, realizam concordância verbal ou correferência. Ainda segundo o autor, (ii) esses verbos podem ser semanticamente vazios (e.g., verbos cópula) ou expressar algum significado altamente abstrato, como as categorias de aspecto, de tempo ou de modalidade, (iii) formando, juntamente com o verbo principal, uma estrutura mono-oracional, ao invés de uma construção bioracional, uma vez que não constituem nenhum tipo de seleção de subordinação entre o predicado principal e seus argumentos. Por fim, para casos de gramaticalização de auxiliares, (iv) esses não podem cumprir o papel de predicado principal (HEINE, 1993, p. 23), uma vez que não têm valência e não impõem restrições de seleção.

Nesse ensejo, várias perífrases aparecem como produtivas no português brasileiro (PB, de agora em diante), dentre as quais se destacam as formadas pelo auxiliar *estar*, seguido de gerúndio. Adiantamos que construções com *estar + gerúndio* (doravante, EG) parecem estar de acordo com os critérios apresentados anteriormente, configurando-se, então, como caso de gramaticalização. Dessa forma, o objetivo central deste artigo é o de resolver o problema de como representar as construções gramaticalizadas de EG, no PB, à luz da GDF. Para tanto, procedemos a uma investigação empírica, com dados oriundos de amostras de fala do português falado no noroeste paulista, compiladas no Banco de Dados Iboruna (GONÇALVES, 2007), representativas do século XXI.

Exposto nosso objetivo central, este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos a análise de um auxiliar totalmente gramaticalizado em espanhol (cf. OLBERTZ, 2016), a fim de trazermos à baila as formulações e as expressões com as quais a GDF trabalha; na seção 2, dedicamo-nos à descrição da perífrase EG, no PB; e, na última seção, 3, trazemos uma proposta, à luz da GDF, para o tratamento dessas construções. Ao final, seguem nossas considerações finais e as referências utilizadas.

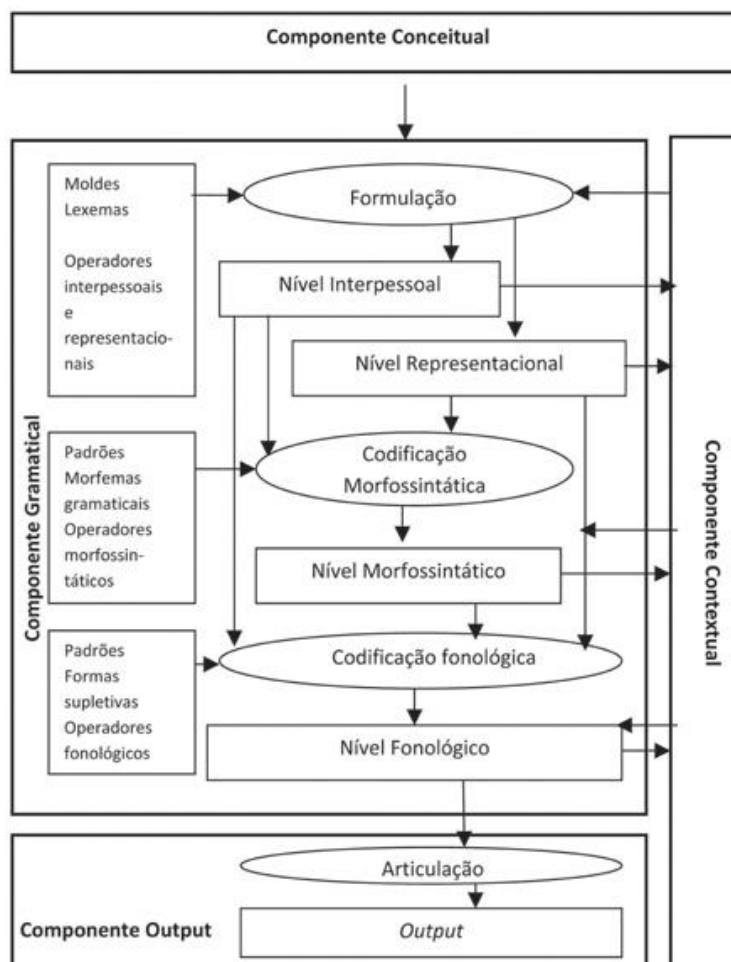
ESBOÇO TEÓRICO DA GDF

A GDF considera que os enunciados são produzidos e que são entendidos em contexto, i.e., frases descontextualizadas não são passíveis de análise e/ou de descrição linguísticas. Essa talvez seja a principal decorrência da concepção de que as intenções comunicativas do falante não surgem em um *vacuum*, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo. Dessa forma, descrever ou analisar

os fenômenos gramaticais leva em conta considerar o contexto de produção, aqui, entendido como o discurso.

Dessa forma, a GDF constitui-se bem mais como um componente dentro de uma teoria maior da interação verbal, do que como uma teoria verbal propriamente dita. A gramática, portanto, nada mais é do que parte de um processo de produção linguística mais amplo, no qual se considerara a natureza situada da comunicação linguística e, por isso, apresentaria uma explicação da inter-relação entre a linguagem e o contexto. A arquitetura geral da GDF é constituída de quatro componentes: o conceitual, o contextual, o gramatical e o de saída, como exemplificado pela figura (1).

Figura 1 – Esboço geral da GDF (adaptado de Hengeveld e Mackenzie, 2008, p. 13)



O Componente Conceitual é pré-linguístico. Nele, a intenção comunicativa e a representação mental correspondente são relevantes. Por meio da operação de Formulação essas representações conceituais são traduzidas em representações pragmáticas, no Nível Interpessoal, e semânticas, no Nível Representacional. As regras usadas na Formulação são específicas de cada língua. As regras de formulação fazem uso de um conjunto de primitivos que contém moldes, lexemas e operadores. As configurações dos níveis Interpessoal e Representacional são traduzidas em estruturas morfossintáticas na Codificação Morfossintática. As regras de Codificação Morfossintática são compostas de um conjunto de primitivos que contém Padrões Morfossintáticos, Morfemas Gramaticais e Operadores Morfossintáticos. Similarmente, as estruturas dos

níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático são traduzidas em estrutura fonológica no Nível Fonológico. As regras de codificação fonológica deságuam em um conjunto de primitivos que contém *Padrões* fonológicos, formas supletivas e Operadores Fonológicos.

Assim, na organização da gramática, a Pragmática comanda a Semântica, a Pragmática e a Semântica comandam a Morfossintaxe, e a Pragmática, a Semântica e a Morfossintaxe comandam a Fonologia. Os quatro níveis de representação são hierarquicamente estruturados em camadas de vários tipos. Cada um dos níveis de representação dentro do Componente Gramatical é estruturado de modo próprio. O que todos eles têm em comum é uma organização hierarquicamente ordenada em camada, composta de um Núcleo (obrigatório), que pode ser restringido por um Modificador (opcional), especificado por um Operador e ter uma Função. Núcleos e Modificadores representam estratégias lexicais, enquanto Operadores e Funções representam estratégias gramaticais. Função é sempre relacional e ocorre entre unidades da mesma camada, já o operador se aplica a uma unidade em si mesma.

EXPRESSÃO DE AUXILIAR GRAMATICALIZADO NA GDF

Olbertz (2016) orienta-nos que há apenas um caso auxiliar verdadeiramente gramaticalizado, em contraste aos itens que estão *parcialmente* gramaticalizados. Seria o verbo *haber* (*haver*) seguido de participípio, uma vez que não apresenta sentido lexical e acompanhando item em forma não-finita (participípio, no caso), expressando apenas categorias de tempo, de aspecto e de modo (TAM, de agora em diante). Não há também indicação de subordinação oracional, bem como o verbo *haber* não cumpre papel de seleção, sendo o verbo em forma não-finita o responsável por controlar os argumentos na estrutura argumental, como indicar em (3).

(3) Este viernes han saltado todas las alarmas en torno al cantante **Juan Pardo**. Esto se ha debido a que un hombre con el mismo nombre que el artista ha aparecido en varios medios tras conocerse que Øi **ha perdido a su exmujer, a una hija y a una nieta** en el accidente de Germanwings. Dado que además del nombre, el parecido físico entre ambos era más que evidente, se ha originado un revuelo entre muchas personas que creyeron que la tragedia había golpeado a la familia del músico.

(<http://www.abc.es/estilo/gente/20150327/abci-juan-pardo-hija-desmiente-201503271713.html>)

Destaca-se que, nos casos da perífrase *haber* + *participípio*, em seu sentido geral, indica uma ação terminada, concluída (DE MOLINA; RODRÍGUEZ, 1979). Olbertz (2016) aponta que esses casos de perífrase, ademais da indicação de ação concluída, são as formas preferidas para a formação dos tempos compostos do espanhol (o que reforçaria mais ainda uma leitura gramaticalizada). Outro fator destacado pela autora é as restrições de seleção impostas pelo verbo no participípio e não pelo verbo *haber*, que não seleciona nenhum dos argumentos da oração.

Olbertz (2016) afirma que, além de *haber*, outro item pode ser considerado como um verdadeiro auxiliar: o verbo *ir* (igualmente traduzido ao PB como *ir*), na perífrase *ir* a + *infinitivo*. Indo ao encontro do que se vê nas línguas em geral, ao

contrário de *haber*, o verbo *ir* continua a ser usado como um verbo de movimento (*Yo voy a casa* ‘Eu vou para casa’), uma propriedade que partilha com inglês *go* (*I go to home* ‘Eu vou para casa’). Entretanto, outra leitura, como verbo cópula (similar a do verbo *ir*), também é recorrente em espanhol (*Este hombre es un carpintero* ‘Este homem é um carpinteiro’) e em inglês (*This man is a carpenter* ‘Este homem é um carpinteiro’).

Se voltamos aos quatro critérios, apresentados anteriormente, e aplicarmos à perífrase *ir a*, os dois primeiros critérios estarão satisfeitos: (i) *ir a* expressa concordância verbal, quando combinado com um verbo lexical pleno e (ii) codifica um significado altamente resumido, i.e., aspecto *prospectivo*. No que tange ao terceiro critério, o espanhol oferece um mecanismo de teste sintático: o fato de o auxiliar não subordinar o verbo no infinitivo a seus argumentos reflete-se na impossibilidade de uma forma (pro)nominalizada desse último, conforme exemplificado em (4) e em (5), retirados da Internet.

(4) a. Mi profesora fue la señorita Mary Beth Smith, y olía a caramelos de menta. Durante los últimos veinte minutos del día nos dejaba dibujar.

– A mí me gusta dibujar – dijo Ruby.

– Yo dibujo y pinto en mi trabajo. Ahora me voy a París a estudiar y mejorar.

(WIGGS, S. Reflejos del pasado. Versão do Google Livros)

voy	a Paris a	estudiar	y mejorar
ir.1SG	a Paris para	estudar.INF	e melhorar.INF

b. ¿A qué vas?
para que ir.2SG

c. A estudiar
para estudar.INF

(5) a. Voy a reír, voy a bailar
Vivir mi vida lalalalá
Voy a reír, voy a gozar
Vivir mi vida lalalalá

(ANTHONY, M. Vivir mi vida. Letras de música)

Voy	a bailar
ir.1SG	a dançar.INF

b. ¿A qué vas?
para que ir.2SG

c. A bailar
para dançar.INF

Claramente, o uso de *ir a* em (4) está intimamente relacionado a um verbo de movimento, pois indica o deslocamento espacial de um *trajector* para um

determinado *a/vo*, no caso, Paris; diferentemente do que ocorre em (5), em que não há qualquer indicação de deslocamento espacial, mas, sim, uma indicação de um deslocamento futuro. Dessa forma, a questão indicada em (5b) como correspondente para a resposta em (5c) é agramatical, porém estaria apropriada ao contexto comunicativo (5).

Atesta-se, portanto, o critério (iii), pois a perífrase *ir a* não pode ser utilizada independentemente do verbo em forma não-finita, sob o risco de uma interpretação incorreta. Para o auxiliar perifrástico *ir a*, em (5), seu significado não lhe permite ser utilizado de forma independente, como um verbo lexical no infinitivo.

Quanto ao critério (iv), que trata, basicamente, da semântica do auxiliar, há, também, um correlato sintático em espanhol: o auxiliar não ocorre isoladamente. Os exemplos a seguir ilustram o uso de *ir* como verbo de movimento (6) em oposição a seu uso como auxiliar (7).

- (6) a. por ejemplo ya con mis padres pues si me voy donde
vaya (risa)
por exemplo já com meus pais pois se REFL.1SG ir.1SG aonde
ir.1SG (risos)

(Alcalá M 23)

Somente o verbo de movimento, conforme ilustrado em (6), pode ser utilizado independentemente; ao passo que o verbo perifrástico, não.

- (7) a. nos tratamos habitualmente de tú
REFL.1PL tratar.1PL habitualmente PREP você.INFORMAL

y vamos a seguir así
e ir.1PL a continuar.INF assim

(Alcalá M 23)

O aspecto semântico do critério (iv), i.e., a falta de valência e de restrições na seleção, é, claramente, uma propriedade base de auxiliares verdadeiros. Na GDF, isso significa que *ir a* é um operador de aspecto frasal prospectivo, que atuaria no Nível Representacional (NR, de agora em diante). O exemplo (8) serve para ilustrar a análise desse aspecto no NR e sua codificação no Nível Morfossintático (doravante, NM).

- (8) a. van a acudir muchos más visitantes
ir.3PL a ajudar.INF muitos mais visitantes

b. NR (prosp fi: [(fj: acudir (fj)) (xi: –muchos más visitantes– (xi))A]
(fi))

c. NM (Cli: (Vpi: (finVwi: ir-3pl (Vwi) (Gwj: a (Gwj)) (Vwj: [(infVsi:
acudi- (Vsi) (Affi: -r (Affi))]) (Vwj) ((Vpi) (Npi: –muchos más
visitantes– (Npi)) (Cli))

(Alcalá M 27)

No NR, em (8b), o auxiliar *ir a* aparece como um operador prospectivo de uma propriedade configuracional (fi); ao passo que no NM, o SV, representado por Vp (*verbal phrase*), consiste de duas palavras verbais (Vw, *verbal word*): o auxiliar finito, contendo o espaço *ir-3pl*, e verbo infinitivo para a predicação lexical. Entre as duas palavras verbais, há uma palavra gramatical (Gw, *grammatical word*), a preposição *a*.

Notamos, então, que, para a GDF, auxiliares gramaticalizados em perífrases deixam de representar palavras lexicais, passando, no NR, a atuarem como operadores de uma propriedade configuracional. Trata-se, portanto, de uma palavra lexical (um verbo pleno) que se gramaticaliza em um operador gramatical no NR, indicando o *aspecto frasal*. Essa é a proposta de análise que defenderemos neste trabalho. Exposta ela, segue a descrição da perífrase EG no PB.

ESTAR + GERÚNDIO

A fim de levar à cabo a análise das perífrases de EG², consideramos os trabalhos de Longo e Campos (2002), que identifica o papel do auxiliar estar na composição aspectual da perífrase, e de Travaglia (1981), mais geral sobre o aspecto no PB. Especificamente, Longo e Campos (2002) consideram o aspecto como uma categoria não dêitica, por meio da qual um evento expresso pelo verbo é quantificado ou por meio da qual se expressa a constituição interna de fases, de momentos ou de determinados intervalos de tempo de um determinado estado-de-coisas. Nesse sentido, a auxiliaridade é compreendida pelas autoras como uma relação de complementação entre formas verbais, postura também defendida por Travaglia (1981), ao afirmar que

[...] [a] perífrase ESTAR + GERÚNDIO não traz a questão da distinção entre situação narrada e referencial. Temos apenas uma situação que, com todas as flexões verbais, exceto os pretéritos perfeito e mais-que-perfeito do indicativo, apresenta os aspectos imperfectivo, cursivo, não-acabado e durativo [...] (TRAVAGLIA, 1981, p. 198).

Portanto, já se pode perceber que o âmbito de escopo da perífrase EG é controverso, uma vez que se pode considerar que (i) o auxiliar seria uma forma relacional que operaria sobre um lexema (o próprio-verbo) ou que (ii) o auxiliar operaria sobre uma propriedade, o verbo e seus argumentos. A concepção (ii) parece estar mais de acordo, uma vez que o auxiliar não atua sobre o verbo apenas, que é um item puramente lexical, mas sim operaria na gramática, atuando, pois, sobre a propriedade configuracional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), i.e., o verbo e seus argumento.

Longo e Campos (2002) assinalam que, além da dificuldade de delimitação de escopo, é possível identificar várias interpretações semânticas a uma mesma perífrase. Há, portanto, uma tendência dos valores semânticos, delimitados por uma série de fatores, quais sejam: (i) a natureza léxico-semântica (tipo de base a que se une), (ii) a morfológica (atuação da flexão), (iii) a sintática (tipos de argumentos ou adjuntos a que se une) ou (iv) a discursiva (diferentes contextualizações levam a diferentes interpretações das perífrases). Essa afirmação reitera a possibilidade da perífrase EG expressar vários tipos de aspectos, dos quais, para as autoras, o cursivo parece destacar-se.

Travaglia (1981) não se distancia muito da proposta de Comrie (1976), com relação à expressão aspectual da perífrase EG, ao afirmar que ela expressa o imperfectivo durativo (ou contínuo) progressivo, o que se aproxima bastante do imperfectivo cursivo não-acabado e durativo. Tal cenário é encontrado nos dados do PB. Contudo, como observaremos a seguir, há uma tendência para que as perífrases EG especializem-se em codificar o tempo presente, fator delimitado pelos tipos de textos encontrados no cópulo. Com isso, há, como assinalam Longo e Campos (2002), uma perda da noção cursiva. Essa situação, nas línguas românicas, de substituição do presente simples pelo perifrástico é extremamente recorrente e produtivo.

Os dados foram levantados a partir de amostras de língua falada do banco de dados Iboruna, um banco de dados de médio porte, com pouco mais de um milhão de palavras e que registra a variedade do português falado no interior paulista (GONÇALVES, 2007). Essas amostras de fala são resultantes de censo linguístico realizado na região de São José do Rio Preto (SP), entre 2004 e 2006, e foram coletadas para a obtenção de diferentes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e descrição (DE), totalizando 151 entrevistas. Além dessa amostra censo (AC), o banco de dados comporta também 11 amostras de interação dialógica, gravadas secretamente em contextos de interação livres.

A fim de identificarmos padrões mais gerais, para as perífrases EG, selecionamos 200 (duzentas) ocorrências, ao menos uma de cada um dos inquéritos, a fim de tornarmos possível a análise das ocorrências. Dessas, amostramos os grupos e as construções prototípicas, a fim de construirmos padrão de análise das perífrases no PB. Tal restrição, de quantidade de ocorrências, faz-se necessária, vez que, para as línguas românicas, esse tipo de perífrase parece ser recorrente e altamente produtivo, o que inviabilizaria a análise dos dados.

A PERÍFRASE À LUZ DA GDF

Para Lyons (1977), os verbos seriam agrupados em decorrência de sua possibilidade de localização no tempo e de sua avaliação em termos de sua ocorrência ou não. Os verbos, portanto, são acontecimentos, processos e estados, além de outros tipos de ocorrências passíveis de serem identificadas pelos critérios anteriores. Entretanto, agrupar entidades a partir de um critério tão genérico faz perder de vista as especificidades, e.g., nem todos os verbos podem indicar processos (aqui, entendidos como tudo aquilo que gera um produto físico ou não). A fim de solucionar essa impropriedade, tem sido proposto um novo tipo de agrupamento, em grupos menores, a partir de um conjunto específico de categorias.

Se tomamos, a título de exemplificação, uma estrutura simples, baseada em conhecimentos primordiais da língua, com o verbo estar, no sentido de “encontra-se em um certo local”, podemos produzir algo com “Eu estou em casa”. Trata-se, claramente, de um estado, posta sua não ocorrência, não ação, não processo e não atividade. Por outro lado, estruturas como “Eu estou estudando” indicaria um *acontecimento*, uma vez que não se trata de um estado (estar em algum lugar determinado), mas sim realizar determinada ação. Costa

(1997), a fim de tornar mais clara essa distinção, classifica as entidades de segunda ordem a partir de quatro critérios binários, como representa o Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios binários

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Acontecimentos	-	+	-	-	<i>Cair</i>
Atos (Ações)	-	+	-	+	<i>Quebrar</i>
Processos	+	+	+/-	-	<i>Crescer</i>
Atividades	+	+	+/-	+	<i>Ler</i>
Estados	+	-	+/-	-	<i>Continuar</i>

Fonte: Adaptado de Costa (1997, p. 14)

Os critérios binários indicariam (a) a noção de duração do estado-de-coisas, sendo aquele que dura [+ durativo] e aquele que não tem uma duração delimitada, ou cuja duração não possa ser medida como [- durativo]; (b) a noção que indica se o verbo, em seu sentido lexical, carrega a noção de duração de um estado-de-coisas; (b) *dinâmico*, indicando se o verbo marca algo que envolve ações ou não-ações; (c) *permanente*, se o verbo indica algo que é permanente; e, por fim, (iv) agente, para o caso de o sujeito estar volitivamente envolvido na ação. Se tomamos esse quadro para a análise da frase “Eu estou em casa”, teremos marcações binárias conforme indicado no Quadro 2.

Quadro 2 – Marcações binárias

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Permanente	Agente	
Estado	+/-	-	+/-	+/-	Estar

Fonte: Adaptado de Costa (1997, p. 14).

Há, claramente, marcações que são ambíguas. Ora, no caso, o sujeito de nossa frase pode permanecer para sempre em sua casa ou fazê-lo por um determinado tempo. Pode ser uma escolha dele ou não, como é o caso de uma criança proibida de sair de casa pela mãe. Contudo, o traço de *dinamicidade* da ação não se marca: o ato de *estar* em um determinado lugar implica a noção básica de não estar em movimento.

Entretanto, para os casos de EG, esses critérios não parecem suficientes para a delimitação das ocorrências. A permanência, e.g., é irrelevante, uma vez que o sentido básico da perífrase é o de indicar uma ação duradoura. Além de critério não necessários, faltam critérios, como a *telecidade*, que delimita um final inerente ao estado-de-coisas, i.e., perífrases com EG seriam ou não *télicos*?

Por conseguinte, se observamos, agora, um dado do PB de perífrase EG, como (9), teremos marcações bem distintas, indicadas no quadro 3.

- (9) a. Inf.: ah:: ele tava bêbado... e::le era de bebê(r) meu pai né?... aí... aí ele ficô(u) saben(d)o que a minha mãe tava sain(d)o com o(u)tro... porque minha mãe já num::/ já num ta/ tava...tava queren(d)o separá(r) dele sabe? minha mãe já tava queren(d)o separá(r) dele

né?... aí lá na casa da mãe do meu pai... aí ela::/ a mãe do meu pai ela já é velhinha já tem noventa e dois ano acho que é noventa e três... aí meu pai:: tava bêbado né? chegô(u) em casa bêbado... aí minha mãe meu pai brigô(u) né? porque minha mãe::... briga com ele quando ele tá bêbado... brigava né? porque ela num tá mais junto com ele... aí meu pai acho que:: ficô(u) bra::vo com ele... só tava eu só né?

(AC-015, L. 97, NE)

A construção (9) revela-nos um outro tipo de leitura para os casos de perífrase com EG. Trata-se de ação duradoura, pois ocorre de forma progressiva. É também um estado-de-coisas dinâmico, uma vez que o predicado *sair* indica ação em que o sujeito deve realizar algum tipo de ato, ao contrário do sentido lexical de *estar*, o que parece reforçar mais ainda a leitura gramaticalizada da perífrase. O agente pode escolher ou não, i.e., pode estar ou volitivamente envolvido. Além disso, a perífrase é claramente télica: cumprida a saída, a ação termina, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Perífrase télica

Tipos	Traços				Exemplos
	Durativo	Dinâmico	Agente	Telicidade	
Estados	+	+	+/-	+	Estar

Fonte: Adaptado de Costa (1997, p. 14).

A noção de permanência parece ser irrelevante uma vez que identificamos casos, como exemplificado por (10), que não indicam permanência ou não, pois, terminada a ação, conclui-se o estado-de-coisas.

- (10) a. [Doc.: aham ((concordando))] cê coloca e o de s/ o trivial cebo::la... éh:: Alho né? ocê coloca de(i)xa (refogá(r)) e coloca cerveja a hora que **tivé(r) mais ou menos... borbulhando a cerveja** você coloca a... o frango né?... faz ele... ali... o arroz faz separado... e a hora que tiver bom aí depois cê... cê joga tudo né?

(AC-75, L. 220, RP)

O estado-de coisas indicado por (10a), claramente, revela que a noção de *permanência* não é clara, sendo mais bem identificado como télico, já que uma vez borbulhada, o estado-de-coisas terminará. Nesse sentido, já podemos observar que a leitura tradicional das perífrases é complexa, porém não condizente com os dados encontrados, uma vez ser preciso ampliar os critérios, identificar novos estágios de gramaticalização.

A gramaticalização da perífrase EG não está completa, o que significa tratar-se de um processo em trânsito. Comprova-se isso pelo fato de vários tipos de aspecto serem identificados no PB, a saber: (i) aspecto imperfectivo, em (11a); (ii) aspecto progressivo/descendente (indicando o fim de um estado-de-coisas), em (11b); (iii) aspecto progressivo/ascendente (indicando o começo de um estado-de-coisas), em (11c); e, por fim, (iv) aspecto iterativo, em (11d).

- (11) a. aí eu fu/ aí a gente começô(u) a brincá(r) na pisci::na e começô(u) a dá(r) mortal de trás... teve uma hora que eu:: puxei muito pra

frente... no mortal e bati *a cabeça*... né?... e rasguei a cabeça... e consegui saí(r) da piscina... né? comecei a chorá(r) que **tava doen(d)o** bastante... começô(u) a saí(r) san::gue... né? aí éh:: chamaram a ambulân::cia a bo/ aí a mo/ a ma/ a irmã... do meu amigo né?... é:: mora:: mora (lá) em São Paulo... aí de repen/ ela:: deu o número da casa dela e não da casa do:: irmão dela... aí depois a ambulância foi vê(r) aí:: começaram a:: assoviá(r) que era:: lá na casa né?..

(AC-009, L. 10, NE)

- b. Inf.: bom eu vô(u) no armário pego os ingredientes que eu preciso... que é::... ó::leo... e os milhos de pipoca... eu pego a panela que fica na::... gaveta... e::... pego uma... uma tampa... ligo o fogão coloco um:: po(u)quinho de:: óleo... pra/ por causa que o óleo só serve pra::... pra::... molhá(r) a pipoca... pra ela num ficá(r)... que nem um queimado por dentro... e coloco a pipoca... espero/ e tampo ela... espera mais ou menos cinco segun/... uns cinco minutos... ou uns seis... por aí... entre cinco e dez... aí ela começa esto(u)rá(r)... quando eu percebê(r) que a pipoca tá::... *o som* dela esto(u)rando... **tá parando**... eu::... eu ti/... eu desli::go::... pego a::... bacia de::... pra colocá(r) pipo::ca... coloco ela e::... coloco umas... duas... umas... duas dedadas de::... sal:: assim:: uma colherzinha

(AC-013, L. 97, RP)

- c. achando que MUItos deles se envolve assim com:: uma vez com tráfico coisa mas o::... *os direitos humano* ainda num **tá sen(d)o respeitado**... então eu... eu vejo... uma GAFE nisso aí né?... então um erro muito muito GRANde... então as autoridades enquanto isso::... num:: tomaram providência

(AC-97, L. 261, RO)

- d. E e::... eu... eu penso que... essas... essas... mundAN::ças que estão havendo com os jovens... éh::... com relação... a a:: essa parte assim mais LIVRE de de eu acho que *o jovem* **tá pensando** com mais liberdade... e o casamento... tá (pondo) uma o(u)tra conotação... que::... num é uma prisão... é uma LIBERdade... é uma uma::... uma::... éh::... eu num sei bem como eu vô(u) explicá(r)... de(i)xa eu tentá(r)... é assim... ele num se sente PRESO àquilo mais... entende?... é uma coisa mais espontÂnea... [Doc.: uhum ((concordando))] então... eu fico muito contente que isso esteja acontecendo... eu acho que a gente tá numa fase DE TRANSIÇÃO ainda... mas que isso... VAI decorrê(r) entende?... de uma forma melhor... porque é com o tempo tudo é MUIto assim obrigaTÓrio... então hoje me parece que eles estão casando... por mais... éh::... por LIVRE... e espontânea 2[vontade]

(AC-150, L;416, RO)

No que diz respeito ao tipo de sujeito, observamos uma predominância de sujeitos [- animados], contudo, com a ocorrência de sujeitos [+ animados] e [+ humanos], o que indicaria uma clara indeterminância desse fator.

Se analisarmos, à luz dos critérios expostos, identificaremos um padrão claro, que comprovaria o estatuto de auxiliar, para os casos de perífrases com EG. O primeiro critério já está posto em todas as perífrases, já que todas são formadas por item lexical não-finito, o verbo *estar*, seguido de item em forma finita, respectivamente para (11a,b,c,d), *doendo*, *parando*, *sendo respeitado* e *pensando*.

Em todos os casos, *estar* está semanticamente vazio, expressando, apenas, aspecto (conforme indicado em (11)) e o tempo. Com relação ao tempo, ao que parece, a perífrase EG está especializando-se em codificar tempo presente, já que, como podemos ver em (3b), a noção de que *o som está parando* indica uma ação presente, com duratividade. Ao contrário do que se tem visto na descrição gramatical tradicional, a perífrase EG não tem mais um traço cursivo tão marcado, mas, sim, o está perdendo e especializando-se como um operador frasal *permissivo* ou, mesmo, em alguns casos, um operador de ênfase no nível interpessoal. Se tomamos (8b), na análise da GDF, obteremos o esquema de representação em (12).

- (12) a. o som dela está parando
 b. NR (permiss fi: [(fj: parar (fj)) (xi: –o som dela– (xi))A] (fi))
 c. NM (Cli: (Vpi: (finVwi: ir-3sg (Vwi) (Vwj: [(gerVsi: para- (Vsi) (Affi: -ndo (Affi))] (Vwj) ((Vpi) (Npi: –o som dela– (Npi)) (Cli))

Como fica atestado pela representação em (12c), o auxiliar *estar* juntamente com o verbo *parar*, forma uma estrutura mono-oracional. A seleção de argumentos é feita, não pelo verbo *estar*, mas, sim, pelo verbo *parar*, verbo de um-lugar. Notamos, então, que o auxiliar não constitui nenhum tipo de seleção de subordinação entre o predicado principal e seus argumentos, indo ao encontro do que o critério (iv) propõe.

A representação dos lexemas verbais no léxico, que supostamente representaria o conhecimento lexical dos falantes, está intimamente relacionada à noção de gramaticalização dessas perífrases. Isso porque o afrouxamento semântico abre espaço para a especialização do verbo *estar* como operador, ao passo que, em outros contextos, mantém seu sentido lexical pleno. Portanto, mesmo satisfazendo a todos os critérios expostos, o verbo *estar* tem tanto uma definição de seu significado, como uma representação como operador de uma propriedade configuracional, o que refletiria o seu estatuto como operador lexical (KEIZER, 2007) ou em vias de lexicalizar-se.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Como uma extensão da proposta de Keizer (2007), o conceito de auxiliares lexicais pode ajudar a preencher a lacuna entre o léxico e a gramática na GDF. Em específico, para o PB, pode possibilitar a interpretação de um conjunto de auxiliares, como *estar*, que ocupariam, em decorrência de seu uso perifrástico, uma posição intermediária entre operadores e lexemas verbais.

Como afirmam García Velasco e Hengeveld (2002, p. 99), a implicação do processo de formação da predicação é que a utilização de predicados derivados exigiria mais codificação e mais processamento em tempo do que o de predicados não-derivados, porque a última pode ser acessada de uma maneira simples, do ponto de vista cognitivo.

Embora não explicitamente mencionado pelos autores, o mesmo pode ser assumido à diferença entre os operadores, como a perífrase EG, que exigiria mais codificação e mais processamento de tempo do que, e.g., uma estrutura com verbo pleno.

Não há, contudo, essa diferença de codificação e de processamento de tempo, e, portanto, a formação do predicado não está em conformidade com o objetivo da GDF, o de “[...] refletir provas psicolinguística em sua arquitetura básica [...]” (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 2). Portanto, considerar as entradas lexicais para auxiliares fracamente gramaticalizados, como é o caso de *estar*, oferece a possibilidade de representar esses casos de forma psicologicamente adequada.

Grammaticalization of aspectual periphrasis *estar + gerúndio* in portuguese paulista

ABSTRACT

Based on Keizer's (2007) proposal on how to fill the gap between grammar and lexicon in Discursive-Functional Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), this work deals with the aspectual periphrasis *estar + gerúndio*, from data of the Brazilian Portuguese, compiled in the Iboruna corpus (GONÇALVES, 2007), focusing on the degree of grammaticalization of the construction: strongly grammaticalized. Despite its syntactic behavior, construction is not a truly grammatical item, nor is it a lexical item. We propose, then, that from the description of the Syntax and the Semantics of the construction, we can think, in a future, a reclassification of the lexical constructions in the GDF. The representation of these constructions would reinforce the proposal of Keizer (2007), that it is a lexical aid. The proposal will allow the gap between the lexicon and grammar in GDF to be filled in the future. Specifically, for PB, it will allow the interpretation of a set of auxiliaries, such *estar*, as lexical operators.

KEYWORDS: Periphrasis. Grammaticalization. Auxiliaries. Functional-Discourse Grammar. Brazilian Portuguese.

NOTAS

¹ Independentemente da referência ao inglês, há uma generalização na descrição proposta pela autora, uma vez que trata da distinção de parâmetros de identificação dos itens lexicais e dos gramaticais. Parâmetros esses que são translinguísticos, sendo identificáveis em todas as línguas naturais.

² Para critérios específicos de auxiliaridade veja Castilho (2002).

REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. T. de. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.) **Gramática do português falado**. V. 8. Campinas: Ed. Unicamp, 2002. p. 83-121.

COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, S. B. B. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

DE MOLINA, J. A.; RODRÍGUEZ, M. **Lengua Española**. Librería Ágora, Málaga, 1979.

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**: The structure of the clause. 2. ed. rev. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GARCÍA VELASCO, D.; HENGEVELD, K. Do we need predicate frames? In: USÓN, R. M.; QUINTERO, M. J. P. (ed.) **New perspectives on argument structure in Functional Grammar**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 95-123.

GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna**: amostras de fala do interior paulista. 2007. Disponível em <<https://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. Acesso em 01 dezembro de 2017, às 18h.

HEINE, B. **Auxiliaries**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HENGEVELD, K. **Non-verbal predication**: Theory, typology, diachrony. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. A typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KEIZER, M. E. The lexical-grammatical dichotomy in Functional Discourse Grammar. **Alfa**. São Paulo, v. 51, n. 2, p. 35-56, 2007.

LONGO, B. de O.; CAMPOS, O. de S. A auxiliardade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org). **Gramática do Português Falado**. V. 8. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MORENO FERNÁNDEZ, F.; MANCER, A. C.; MARTOS, I. M.; GARCÍA, F. P. **La lengua hablada en Alcalá de Henares**. Corpus PRESEEA - ALCALÁ. 3 Vol. (CD-ROM). Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2002-2007.

OLBERTZ, H. Lexical auxiliaries in Spanish: how and why? **Linguistics**. Amsterdã, v. 54, n. 5, p. 947-979, 2016.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Gráfica da UFU, 1981.

Recebido: 02 mai. 2018

Aprovado: 09 nov. 2018

DOI: 10.3895/rl.v20n31.8249

Como citar: ANDRADE, Gustavo Silva. Gramaticalização da perífrase aspectual estar + gerúndio no português paulista. *R. Letras*, Curitiba, v. 20, n. 31 p. 87-103, jul/dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

